ZOOFONIA E A MATURAÇÃO DO CONCEITO DE FOLCLORE EM MÁRIO DE ANDRADE

Flávio Rodrigo Penteado[1]

Resumo

Esta pesquisa de Iniciação Científica propõe-se a compreender aspectos da maturação do conceito de folclore na obra de Mário de Andrade, mediante o exame do itinerário da criação do polígrafo no manuscrito Zoofonia, testemunho de pesquisa elaborada entre 1929 e 1944, mas que jamais se concretizou em texto publicado.
Palavras-chave: Folclore. Musicologia. Processo de Criação.

Résumé

Cette recherche d'initiation scientifique (recherche niveau licence) propose de comprendre les aspects de la maturation du concept de folklore chez Mario de Andrade, en analysant l'itinéraire de création du polygraphe dans le manuscrit Zoofonia, témoignage de la recherche réalisée entre 1929 et 1944, mais qui n'a jamai été concrétisé en texte publié.
Mots-clés: Folklore. Musicologie. Processus de Création.

Mário de Andrade polígrafo: para além de um *tópos* da crítica que se ocupou de sua obra, uma designação à altura dos múltiplos interesses que marcaram a trajetória do escritor, cujas várias dimensões estão espelhadas no acervo que reuniu, composto de biblioteca, coleção de artes visuais e arquivo contendo manuscritos[2].

Após a morte de Mário, em 25 de fevereiro de 1945, o fundo de sua propriedade foi cuidadosamente conservado por familiares e amigos como a musicóloga Oneida Alvarenga, a quem ele legara a parcela dos documentos referentes à música e ao folclore[3]. Como se sabe, desde 1968 o acervo

[1] Equipe Mário de Andrade (IEB-USP)

[2] Bastante ilustrativo é o conteúdo da série *Manuscritos Mário de Andrade*, formada por 123 títulos, que abrange as áreas de literatura – ficção, poesia, crônica e crítica literária –, folclore, música, estética e artes plásticas.

[3] Oneida Alvarenga organizou a edição da maior parte desses documentos, publicando-os nos livros: *Danças Dramáticas do Brasil* (São Paulo: Martins, 1959; 2ª ed: Belo Horizonte: Itatiaia,

encontra-se no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, onde foi organizado em conformidade aos preceitos da biblioteconomia e da arquivologia – naturalmente, não se poderia acolher por completo a ordenação realizada previamente pelo escritor, em função de suas próprias necessidades.

Esta pesquisa de iniciação científica, vinculada ao projeto temático FAPESP *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália* e *em suas leituras*, empreende a elaboração de um índice analítico dos documentos relativos à área de folclore na série *Manuscritos Mário de Andrade*, recolhidos pelo escritor em São Paulo ou em viagens etnográficas e por ele organizados em dossiês. O índice é acompanhado por notas de pesquisa, destinadas a atestar datas, esclarecer itinerários da criação, bem como traçar ligações eventuais com manuscritos de literatura, música e artes plásticas, sem esquecer pontes com outras séries do arquivo e com a obra publicada de Mário de Andrade.

Dentre os 25 dossiês de cuja classificação esta pesquisa se ocupou, a comunicação enfocará *Zoofonia*, testemunho de pesquisa elaborada entre 1929 e 1944, mas que jamais se concretizou em texto publicado ou mesmo esboçado. Deste modo, ao examinar o itinerário da criação do polígrafo nesse manuscrito, pretende-se compreender aspectos da maturação do conceito de folclore na obra de Mário de Andrade.

Em entrevista de 1943 a Mário da Silva Brito, Mário credita a ideia para o estudo à leitura do livro *Green Mansions*: *a romance of the tropical* forest[4] (1904), de William Henry Hudson (1841-1922), escritor, naturalista e ornitólogo argentino radicado na Inglaterra[5].

Nesta obra de parca realização estética, são retratadas as peripécias de um aventureiro que, nas florestas da Guiana, trava contato com Rima, uma

1982); *Música de Feitiçaria no Brasil* (São Paulo: Martins, 1963; 2ª ed: Belo Horizonte: Itatiaia, 1983); *Os Cocos* (São Paulo: Duas Cidades, 1984); *As melodias do boi e outras peças* (São Paulo: Duas Cidades, 1987).

[4] Embora cite o título no original, Mário de Andrade possuía em sua biblioteca apenas uma tradução para o francês: *Vertes demeures*: roman de la forêt tropicale. Paris: Librairie Plon, 1929.

[5] A título de informação: há uma dura referência a Hudson por Ezra Pound: "não se deveria permitir que nenhum W. H. Hudson voltasse dos Andes com relatórios sobre aves ´antiquíssimas sobre a face da Terra´". In: POUND, Ezra*. A arte da poesia*: ensaios escolhidos. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1976, p. 91.

indígena capaz de se comunicar por meio de uma língua desconhecida, melodicamente composta por sons que lembram o trinar dos pássaros. Aqui, o misto de encanto e admiração do explorador em face daquela "linguagem misteriosa" contrapõe-se ao absoluto desprezo da moça pelo espanhol, para a qual esta "língua não passava de simples balbucios". Ainda que tenha aprendido esse idioma, quando lhe pediam para falar em espanhol, respondia que "isso não é falar"[6].

O motivo do romance de Hudson remete a outro, mais famoso, publicado alguns anos após a morte de Mário: *Los pasos perdidos* (1953), do cubano Alejo Carpentier. Em ambos, plasma-se o problema das origens da linguagem na música, o qual, por sua vez, remonta ao imaginário romântico – particularmente ao do Primeiro Romantismo Alemão (*Frühromantik*):

"Linguagem da natureza é *música*. Se ainda existe uma linguagem da natureza, então ela é a mais antiga. Daí a tendência da poesia de voltar às línguas mais antigas" (Friedrich Schlegel)

"A nossa língua – ela era no início, muito mais musical e só depois que se prosaissizou tanto – *perdeu o tom*. [...] Ela deve voltar a ser *canto*" (Novalis)[7]

Pensando em Mário de Andrade, essa reversibilidade entre poesia e música que o problema suscita é de especial interesse, na medida em que, tratando-se de um musicólogo que é poeta, há na sua obra uma retroalimentação da música pela poesia e vice-versa.

Para *Zoofonia*, o escritor adotou o termo proposto por Hércules Florence (1804-1879), em 1831, para o ramo da ciência que se ocupa dos sons emitidos pelos animais. Inicialmente, a pesquisa de Mário esteve ligada ao projeto do *Dicionário Musical Brasileiro*, para o qual planejou um verbete que abrangesse tanto seu estudo sobre o cantar dos pássaros, quanto outro sobre o trabalho desenvolvido por Florence.

Ao dar início à pesquisa de seu dicionário, em outubro de 1929, Mário de Andrade tem na mira a questão do nacionalismo e da cultura musical. Em 1928, publicara o *Ensaio sobre música brasileira* e no ano seguinte o

[6] HUDSON, W. H. *Verdes moradas*: um romance da floresta tropical. Tradução de M. Deabreu. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942, p. 192.
[7] Apud SELIGMANN-SILVA, Márcio. "A tradição romântica de Iena". In: *Ler o livro do mundo*: Walter Benjamin: Romantismo e Crítica Poética. São Paulo: Iluminuras, 1999, p. 29.

Compêndio de História da Música, para uso de seus alunos no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde atuava, desde 1922, como professor catedrático de História da Música. Ressalte-se, também, que já à época da Semana de Arte Moderna o escritor se empenhava na recolha de documentos da criação popular, embora não "em termos de pesquisa organizada, visando a um objetivo esteticamente definido", conforme apontou Telê Ancona Lopez[8].

A preocupação em sistematizar esse trabalho deve muito à experiência de Mário de Andrade como o Turista Aprendiz que, no final dos anos de 1920, realizou duas viagens vincadas pela perspectiva etnográfica, na esfera das manifestações musicais e das danças dramáticas. Na primeira, ao Norte, em 1927, a pesquisa se esboçava; por outro lado, na permanência no Nordeste, entre dezembro de 1928 e fevereiro de 1929, a investigação muito bem planejada logrou resultados expressivos, apesar das limitações de ordem técnica. O intuito da segunda viagem, particularmente, era o de reunir material para uma obra de fôlego sobre gêneros e formas musicais brasileiras, *Na pancada do ganzá*, para a qual Mário levantou extensa bibliografia, testemunhada na relação das "Leituras iniciadas para *Na pancada do ganzá*", no arquivo do escritor.

A mesma bibliografia embasou também outros projetos então desenvolvidos por Mário de Andrade, dentre eles o *Dicionário Musical Brasileiro*, para o qual levantou vários elementos, mas pouco redigiu. Os manuscritos de seu arquivo, contudo, firmam a rede tecida pelo escritor entre os documentos de seu arquivo pessoal e os livros de sua enorme biblioteca. No caso de *Zoofonia*, esta relação fica ainda mais clara. Em sua maioria, o manuscrito é composto por notas de trabalho que se resumem a indicações bibliográficas. Reportando-se a um trabalho em trânsito, essas notas, marcadas pela síntese, oferecem instâncias do processo criativo e permitem antever o caráter metódico e organizado do pesquisador Mário de Andrade.

Em sua correspondência, o escritor dá notícia de sua animação com o projeto recém-iniciado, conforme se depreende deste trecho de carta a Augusto Meyer, de 22 jan. 1930:

[8] LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade:* Ramais e Caminho. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972, p. 75.

> 1 - O "vou contar tudo pra titia" que você põe na bôca do tico-tico é folclórico, interpretação do canto do tico-tico? Pus mão num trabalho que levará dez anos escrevendo, um *Dicionário Musical Brasileiro*, mas coisa decente mesmo, não só prático (pois que nêle estarão definidas brevemente tôdas as palavras musicais de uso universal) mas diretamente nacional (com descrição pormenorizada de tôdas as palavras musicais brasileiras). Por exemplo: "Minuete" definirei em cinco linhas, mas "Modinha" terá dez páginas. Fica prático e vendável e fica ao mesmo tempo trabalho original. Não acha idéia boa? Pois tem um verbete interessantíssimo sôbre "Zoofonia", em que pretendo dar o mais possível as interpretações brasileiras dos cantos dos nossos passarinhos e animais, etc. Por isso é que pergunto sôbre o cantinho do tico-tico. E peço pra você que fique à espreita, seja camarada. Tudo que você escutar que tenha referência musical, mande contar pra mim, modismos, superstições, lendas, frases-feitas, provérbios, instrumentos curiosos do povo, constituições curiosas de orquestrinhas populares, nome de danças etc etc. Com vagar. Dez anos não dá pressa pra ninguém.[9]

Como se vê, embora a pesquisa para *Zoofonia* estivesse vinculada ao *Dicionário*, as "referências musicais" que Mário pede a Augusto Meyer ultrapassam os limites do campo da música, insinuando-se no campo do folclore. Um dos intuitos deste trabalho de iniciação científica, portanto, é proporcionar conhecimento um pouco mais aprofundado das relações de Mário de Andrade com as diferentes manifestações culturais que compõem a tradição popular brasileira.

De qualquer modo, não apenas em fontes bibliográficas bebe Mário de Andrade. A leitura das notas que compilou durante anos de pesquisa revela um homem atento ao mundo que o cerca, preocupado em transformar experiência em conhecimento. Assim é que, em 31 out. 1931, registra o "grito surpreendido numa moita" de um passarinho no parque Pedro II, em São Paulo, esforçando-se para reproduzir em notas musicais o ritmo inconstante daquele canto: "Às vezes o passarinho que não pude ver, mudava o ritmo [...] Mas era acentuadamente ternário no ritmo, e o timbre, se intransponível em sons musicais, era lá no seu mundo, perfeitamente assimilável".

Em outra nota, datada de julho do mesmo ano, abaixo da reprodução em pentagrama do canto de um "passarinho escutado numa fazenda da estação Cesário Bastos (Candido Rocha) da E. F. Araquarense", Mário observa que "os intervalos são esses certamente, mas o assobio dava um som característico de pio, de que o som musical é apenas uma interpretação aproximativa em geral".

[9] Andrade, Mário de. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros.* Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1968, p.76-77.

Ciente de que, em última instância, a manifestação artística está fundada na percepção – afirmação que ecoa em nós, contemporâneos, a afirmação de Saussure, segundo a qual “o ponto de vista cria o objeto” –, Mário não deixará de censurar, em outra nota, o exagero de um viajante alemão que, ao retornar para sua terra natal, alega ter sido tomado de tal emoção ao escutar a singular melodia das ondas do mar próximas à sua pátria, que as transpôs em pentagrama.

Infelizmente, porém, tanto a pesquisa para *Zoofonia*, ligada ao *Dicionário Musical-Brasileiro*, quanto aquela relacionada ao cancioneiro *Na pancada do ganzá*, foram interrompidas entre 1935 e 1938, época em que Mário de Andrade esteve à frente do Departamento de Cultura de São Paulo. Levado a se demitir, buscou refúgio até 1940 no Rio de Janeiro. Ao retornar, mostrou-se ainda desgostoso pelas circunstâncias adversas em que deixara a instituição e não encontrou ânimo para levar adiante os trabalhos acima mencionados.

A esta altura da exposição, há de se perguntar, talvez, qual o conceito de folclore cultivado por Mário de Andrade. À parte sua abrangência e as transformações que sofreu ao longo da trajetória intelectual de Mário, trata-se, por certo, de uma concepção que vai muito além de um conjunto de anedotas, curiosidades, poemas e cantigas “engraçadinhas”.

O escritor dedicou-se de forma mais pormenorizada à questão em um ensaio de 1942, “O folclore no Brasil”, destinado ao *Handbook of Brazilian Studies*, sob a coordenação de Rubens Borba de Moraes – à época subdiretor dos serviços bibliotecários da ONU, mas que já havia estado à frente da Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura de São Paulo, durante a gestão de Mário de Andrade – e de William Berrien, professor da Universidade de Harvard. A publicação da obra, prevista para 1943, foi adiada, em função do ingresso dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, dando-se apenas seis anos depois.

Neste estudo, Mário empenha-se em traçar um panorama da situação dos estudos do folclore no Brasil, desde meados do século XIX até o início dos anos 1940. A proposta que permeia todo o texto é a de encarar o folclore como ciência. Atualmente, com o desenvolvimento de disciplinas como a Antropologia e a Etnografia, tal proposta pode parecer um tanto equivocada. No entanto, é preciso compreender o que significou, à época, esse projeto de

dar tratamento científico a uma área quase que exclusivamente dominada pelo amadorismo.

Em síntese: Mário de Andrade coloca-se a favor da especialização em detrimento da síntese generalizante que percorre de forma apressada grandes áreas do saber. Deste modo, há todo um projeto que subjaz às pesquisas de Mário no campo do folclore, por ele concebido como um processo de conhecimento.

Mas de que modo o folclore estaria presente em *Zoofonia*? Certamente, seria necessária uma análise mais acurada, que percorresse pacientemente as inúmeras notas de trabalho compreendidas nos 820 fólios que o compõem, além de confrontá-las com os livros da biblioteca do escritor. Seja como for, na entrevista a Mário da Silva Brito referida anteriormente, Mário delineia rapidamente alguns tópicos da pesquisa:

> – Que temas pode desenvolver nesses estudos?
> *– Inúmeros. E todos fascinantes. Sobre qualquer aspecto é possível estudar. Até do sexual – certamente a razão principal do canto dos pássaros.*
> – E interessa também ao folclore?
> *– Muitíssimo! Cabe, nesse particular, um capítulo enorme. Veja você só o nome dos pássaros: "Bem-te-vi", "Tico-tico" e outros assim onomatopaicos.*
> – Naturalmente você se dedicará mais aos pássaros brasileiros.
> *– Por certo. E, deles, o que mais me interessa é o sabiá, sobre quem tenho até uma teoria…*
> – Qual?
> *– Ah, não conto! Não sei se está certa. Posso, ainda, abandoná-la.*[10]

A figura do sabiá, aliás, é perseguida insistentemente por Mário nas leituras que empreende. Numa das notas que coligiu, pode-se entrever uma possível epígrafe para o estudo, extraída de um poema de Catulo da Paixão Cearense: "Introdução: 'Fique lá cum o rixinó/ Que eu fico cum o sabiá'".

Zoofonia, por fim, é ainda um bom exemplo da mobilidade da criação do polígrafo. Abandonando o plano de dar-lhe forma como verbete de dicionário, Mário de Andrade projetou-o como parte de *O banquete*, texto de caráter crítico-ficcional que, desde maio de 1944, vinha publicando parceladamente em sua coluna semanal "Mundo Musical", na *Folha da Manhã*, até ser surpreendido pela morte, em fevereiro de 1945. O escritor planejava publicar *O*

[10] ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. Edição organizada por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 94

banquete em livro, distribuindo a matéria dos artigos em dez capítulos, dos quais o oitavo, que sequer chegou a ser esboçado, seria “O passeio dos pássaros”.

Não foi este um caso isolado de mobilidade na criação de Mário de Andrade. Para citar apenas um caso: no manuscrito *Quatro Cantos Terenas* – também vislumbrado como parcela de *Na pancada do ganzá* –, o polígrafo conjuga a organização de documentos de sua coleta de cantos indígenas a um projeto de ficção, explorando a história de vida de seu informante, Huaquidí Gaturamo.